

O redesenho da ideologia

Como as pessoas (re)descobriram a esquerda e a direita através das redes sociais



— POR **JOÃO FERREIRA DIAS**

— Investigador do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE (CEI-IUL)

Herbert Marcuse, em 1964, publica *O Homem Unidimensional*, no qual defende que a cultura de massas adormecia os cidadãos, tornando-os espectadores ao invés de sujeitos críticos e atentos. Em 1967, Guy Debord publicou *A Sociedade do Espetáculo*, confirmando as teses de Marcuse e avançando com uma análise crítica de uma sociedade alienada pela combinação explosiva entre capitalismo e cultura de massas, que nos adormecia com revistas como a *Vogue* enquanto as desigualdades sociais eram normalizadas.

Quando transportamos as suas análises para o nosso tempo, percebemos não só que as suas inquietações eram fundadas, mas também que a realidade amplificou tais preocupações através do engenho do algoritmo. Hoje, vivemos mais tempo presos ao *scroll* do Instagram do que a virar páginas de livros.

Mas o adormecimento da sociedade começa a ser o menor dos problemas. Quando cruzamos estudos da Psicologia Social com a forma como as redes sociais agem sobre os cidadãos, percebemos os estragos que as mesmas estão a causar. O “efeito de polarização grupal” mostra que quando um grupo de pessoas com determinados valores se junta a debater certas ideias – seja a pena de morte, o racismo estrutural, a necessidade de policiamento da linguagem ou até a política fiscal –, no final extremam ainda mais as suas posições, através do reforço coletivo.

Se juntarmos esse dado ao facto de que o algoritmo é responsável pelo “efeito de cascata” e de “bolhas”, como afirma Cass Sunstein em *#Republic*, temos um cenário que nos ajuda a compreender a polarização social e política.

Mas eu gostaria de ir mais longe para afirmar que a soma destes efeitos, que se traduzem em guerras culturais, está ligada a uma nova articulação ou a um redesenho do mapa ideológico. É verdade que há algum tempo se fala no deslocamento das populações brancas mais pobres (*white working class*) da esquerda para a direita em razão da alteração discursiva da esquerda para um pós-materialismo expresso na adoção de políticas identitárias e do “wokismo” como ideologia burguesa urbana. Ou seja, uma esquerda que abandonou a luta de classes para se focar nas lutas pela hegemonia cultural, segundo o princípio de que para mudar a sociedade é preciso mudar a cultura.

Porém, o meu argumento vai mais longe – as redes sociais estão a ajudar a recompor o mapa ideológico e a redesenhar a divisão esquerda/direita. Por outras palavras: as pessoas (re)descobriram a esquerda e a direita através das redes sociais. E mais inquietante: estão a fazê-lo, em parte, nos termos do século XX.

O período da Guerra Fria traduziu-se, no plano da luta pela hegemonia cultural, num combate entre a democracia liberal e o comunismo, mobilizando o imaginário da cultura pop, bem como a desinformação e teorias conspiratórias.

Com a queda do Muro de Berlim, Fukuyama propôs a tese que fez história por ser um rotundo fracasso – a de que a História política chegava ao fim com a vitória da democracia liberal. O próprio autor compreendeu esse facto e, por exemplo, em *Identidades: A Exigência de Dignidade e a Política do Ressentimento* defende, e bem, que a luta pela dignidade, em todas as suas vertentes, tem sido essencial ao criar um ressentimento identitário que radicaliza politicamente os sujeitos. Ou seja, temos uma polarização social gerada pelo ressentimento e ampliada pelas redes sociais, entre um ativismo conservador nacionalista, em torno do ressentimento maioritário da sociedade, e um ativismo progressista, voltado às lutas emancipatórias das minorias.

Uma vez que a esquerda materialista desapareceu ou ficou mirrada e a restante esquerda, moderna, se tornou culturalista, a luta de classes foi transferida para a direita, passando a figurar como património da direita radical. Esta realidade – aliada à (re)educação política através das redes sociais – produziu uma alteração colossal do sistema político, em grande medida a partir, portanto, dos termos da Guerra Fria.

Ou seja, a massa eleitoral menos escolarizada, a escolarizada nas métricas (toda uma outra discussão), a que se sente abandonada e os jovens *snow flake* que procuram referenciais de força, todos estão a ser politizados para ver a esquerda a partir de grelhas claras: nos EUA como sinónimo de “comunismo” e na Europa ou como “comunismo”, agressor e que, não comendo crianças ao pequeno-almoço, pretende destruir a família tradicional, ou como “socialismo”, responsável por não garantir a dignidade material e, no caso português, por “50 anos de corrupção”.

Consequentemente, o que temos em curso é um redesenho ideológico, em que a esquerda vai encolhendo sucessivamente, incapaz de responder aos novos desafios, uma vez que (i) a esquerda mais radical acredita na sua superioridade moral – por isso não está disposta a conversar com os “impuros” – e (ii) a esquerda moderada não compreendeu que não pode continuar a aplicar receitas antigas esperando novos resultados.

Assim, a direita nacionalista radical torna-se hipermusculada, politizando os ressentimentos maioritários, a um ponto em que foi capaz de coser ao nacionalismo e a uma moral religiosa conservadora a luta de classes. Ora, a última vez que isso foi feito vieram as longas noites do autoritarismo do século XX.